

## Táticas de reagrupamento na imprensa do Partido Operário Leninista (1938-1939)

Ícaro Rossignoli<sup>1</sup>

**RESUMO:** O Partido Operário Leninista (POL) foi criado em janeiro de 1937, sucedendo a Liga Comunista Internacionalista no movimento trotskista brasileiro, depois que esta fora desarticulada pela repressão após o mal sucedido putsch comunista de 1935. Seus militantes, em difíceis condições políticas sob o regime de Getúlio Vargas, buscavam dar continuidade ao movimento internacional liderado por Leon Trotsky. Em seus anos de atividade (1937-1939) o POL desenvolveu uma polêmica orientação em relação ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e buscou reagrupar a vanguarda revolucionária, conforme afirmou desde suas primeiras publicações. Este trabalho, através da bibliografia disponível, pretende explicitar de que forma o POL utilizou sua imprensa – os jornais *A Luta de Classe*, *Sob Nova Bandeira* e o *Boletim de Informações Internacionais* – para atrair indivíduos e agrupamentos para sua política, especialmente aqueles oriundos das fileiras do PCB. Assim, junto com esse objetivo, pretende também avaliar o papel que cumpriu essas publicações na aproximação, em 1939, com os dissidentes do PCB de São Paulo – a Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária – liderados por Hermínio Sachetta. Esta aproximação marcou a dissolução do POL e a formação de uma nova organização, o Partido Socialista Revolucionário (PSR), considerada pela bibliografia especializada como o início de uma nova geração do movimento trotskista no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** trotskismo, Trotsky, comunismo, revolução socialista, Partido Operário Leninista

### Regroupment Tactics in the press of the Partido Operário Leninista (1937-1939)

**ABSTRACT:** The Partido Operário Leninista (Leninist Workers' Party – POL) was founded in January 1937 to succeed the Liga Comunista Internacionalista (Internationalist Communist League – LCI) in the Brazilian Trotskyist movement after the latter was dismantled by state repression following the failed Communist coup attempt in 1935. POL militants, who were in harsh political conditions under Getulio Vargas' regime, intended to continue the work of the international movement led by Leon Trotsky. During its active years (1937-1939), the POL developed a polemical orientation towards the Communist Party of Brazil (PCB) and sought to regroup the revolutionary vanguard, as it asserted in its first publications. This work intends to highlight some ways by which the POL used its press – mainly the newspapers *A Luta de Classe*, *Sob Nova Bandeira* and *a Boletim de Informações Internacionais* – to attract individuals and groupings to its policies, especially those coming from the CP ranks. Therefore, it also intends to analyze the role they played, in 1939, in approaching a split from the PCB in São Paulo – the Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária (Pro-Regroupment of the Revolutionary Vanguard Dissidence) – led by Hermínio Sacchetta. This approach eventually led to the dissolution of the POL, as it merged with the CP dissidence to form a new organization, the Partido Socialista

---

<sup>1</sup>Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Revolucionário (Revolutionary Socialist Party – PSR), which is considered by the specialized historiography to be the beginning of a new generation of the Brazilian Trotskyist movement.

**KEY-WORDS:** Trotskyism, Trotsky, communism, socialist revolution, Partido Operário Leninista

O Partido Operário Leninista (POL) foi uma organização do movimento operário brasileiro existente entre os anos de 1937 e 1939. De orientação bolchevique-leninista (“trotskista” diríamos anacronicamente<sup>2</sup>), o POL tem diversos laços de continuidade com a organização trotskista que o precedeu no Brasil, a Liga Comunista Internacionalista (LCI). Mas o seu surgimento ocorre após momento de profunda crise na LCI, devido tanto a cisões quanto à repressão governamental após os levantes orquestrados de forma mal sucedida pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), tendo tido papel de destaque Luís Carlos Prestes e o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Como era previsto nos documentos de época dos trotskistas, o levante de novembro de 1935 foi lançado pela ANL/PCB sem suficiente articulação ou preparo, de forma que as massas trabalhadoras não os seguiram em seu estopim, assim como não haviam se movido para defender a ANL da ilegalidade na qual ela havia sido posta. Apesar de ter conseguido triunfar momentaneamente em Natal, o levante não obteve sucesso em Recife ou no Rio de Janeiro, sendo facilmente contido, e não chegando sequer a se realizar em outras cidades<sup>3</sup>. A partir disso, caiu uma fortíssima onda de repressão não apenas sobre a ANL e o PCB, mas contra praticamente todos os setores progressistas da sociedade brasileira, incluídos aí os trotskistas. Apesar de ser uma organização adversária do PCB no movimento operário, e de ter denunciado em seus materiais a precipitação e “aventura” que seria a tentativa de um golpe sem antes um longo trabalho de mobilização e preparo político da classe trabalhadora, os trotskistas não foram poupados das prisões, devassas e violências do regime varguista.

No próprio PCB, pouco antes da realização do levante, surge também uma oposição, denominada “Oposição Classista”, organizada por membros do Rio de Janeiro, como

---

<sup>2</sup>Embora hoje este termo seja adotado com tranquilidade pela maioria dos setores do movimento trotskista, na época que tratamos aqui, o seu uso era muito mais um epíteto lançado pelos comunistas da III Internacional, que eram, em contrapartida, chamados de “stalinistas” pelos partidários de Trotsky. Para uma maior clareza, chamaremos esses setores de “trotskistas” e “estalinistas” respectivamente.

<sup>3</sup>Cf. VIANNA, Marly de Almeida. *O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935*, pág. 87-97.

Augusto Besouchet, Febus Gikovate e Barreto Leite Filho, que caracteriza as movimentações da direção do partido como “putschistas”, um termo usado para caracterizar a tentativa de golpear o Estado burguês sem suficiente apoio de massas. Esse agrupamento também vai criticar os limites políticos da ANL, embora não de forma tão profunda quanto faziam os trotskistas, que identificavam a mesma como versão brasileira da política de “Frente Popular” do VII Congresso da Internacional Comunista. Conforme relata a dissertação de mestrado de Miguel Tavares de Almeida, tal grupo de oposição circulou documentos internos que alertavam para o erro e o perigo de tal empreitada:

A linha política estabelecida pela direção depois da última conferência nacional, apresenta duas características fundamentais: direito e aventureirismo. Expressão acabada dessa linha é a palavra de ordem teoricamente falsa e politicamente inoportuna de “Todo o poder à ANL”. Não sendo a ANL como os soviéticos, um instrumento de massas na luta pelo poder, um embrião de poder e um futuro órgão de poder, essa palavra de ordem não se justifica absolutamente sob o ponto de vista teórico e representa apenas uma transposição mecânica do grito de “Todo o poder aos soviéticos”. Não estando o Brasil em dualidade de poderes, essa palavra de ordem não se poderia justificar tática ou politicamente. Nisso se exprime o seu caráter aventureiro, putschista e provocador. O seu conteúdo direito surge bem claro na tentativa de ocultar o partido por trás da ANL, que se esconde nessa palavra de ordem.[...] Estamos informados que o partido prepara, de comum acordo com Prestes e numerosos militares e políticos burgueses e pequeno-burgueses, um golpe de quartel para as próximas semanas. Consideramos isso um erro aventureirista que poderá trazer consequências mortais para a revolução e instalar por anos inteiros a mais negra reação no Brasil, com o desmantelo completo das organizações operárias.<sup>4</sup>

Nisso, a Oposição Classista tinha muito em comum com o pensamento dos trotskistas da LCI, que descreviam em termos similares sua opinião sobre a ANL, declarada ilegal sem resistência desde julho de 1935:

A Aliança Nacional Libertadora não tem possibilidades de vida ilegal. A sua composição social heterogênea, os seus frouxos laços organizatórios, a sua ausência de qualquer disciplina interna e até ideologia, a sua direção pequeno-burguesa, em que se misturavam elementos de todas as classes, de todas as tendências, de todas as ideias, a impossibilidade de ter por isso mesmo uma direção centralizada e eficiente, os seus vértices dirigentes se balançando no ar sem ligação direta e séria com as massas profundas, tudo mostra que a ANL não pode viver na ilegalidade.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup>BESOUCHET, Augusto e outros. “Carta aberta ao Bureau Político do CC do PC do Brasil (SBIC)”. “Por uma Conferência Nacional”(Documento datilografado, 6 Páginas). Apud: ALMEIDA, Miguel Tavares de. *Liga Comunista Internacionalista. Teoria e prática do trotskismo no Brasil (1930-1935)*, pág. 157-158.

<sup>5</sup>“O fracasso da ANL e as tarefas da vanguarda operária”. In: *A Luta de Classe*, nº 26, agosto de 1935. Pág. 5. Apud: *Ibidem*, pág. 173.

Em abril de 1936, num dos últimos números de *A Luta de Classe* publicados pela LCI, os trotskistas vão reforçar tal crítica aos eventos que haviam se desenrolado em novembro do ano anterior:

Mais cedo do que esperávamos as nossas previsões foram inteiramente confirmadas: o aliancismo stalinista com o seu “führer” Luiz Carlos prestes à frente, acabou tentando um “putsch” militar na impossibilidade de arrastar a massa à revolução. Desta forma o sórdido oportunismo ideológico em que caíram os stalinistas foi coroado pelo aventureirismo golpista mais descabelado.

Como era de prever, o chamado partido comunista, ao sustentar a ANL na ilegalidade, deixou formalmente de existir, e passou a ser, ele próprio, a própria Aliança, desencarnada desde o seu fechamento sumário pela polícia em julho do ano passado.

Daí por diante, os stalinistas, embora continuando a se chamar desgraçadamente de partido comunista, abandonaram até as últimas preocupações de classe, virando completamente as costas ao proletariado. Concentrando toda a sua atividade na tentativa inútil de dar ilusão exterior de que a ANL continuava a existir, subterraneamente, os stalinistas, como prevíamos, não tiveram outra alternativa senão atizar os pruridos conspirativos da ala aventureirista, “não proletária, isto é, prestista” da ANL e do PCB.<sup>6</sup>

O ano de 1936 foi de definhamento e desarticulação da Liga Comunista Internacionalista, ainda não oficialmente encerrada. Seu jornal editado em São Paulo (*O Proletário*) aparece somente até abril de 1936, não sendo mais editado depois dessa data. Já seu órgão nacional (*A Luta de Classe*) diminui de periodicidade, sendo editado em 1º de julho de 1936 para depois aparecer somente (e pela última vez sob a edição da LCI) em novembro<sup>7</sup>.

Desaparecendo por um ano, *A Luta de Classe* reaparece em dezembro de 1937, já sob edição do “Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista”. Antes disso, em fins de 1936, a Oposição Classista do PCB participa das articulações para a criação do POL, reunindo remanescentes da LCI, entre os quais Mario Pedrosa, fundador do movimento trotskista brasileiro. O historiador John Foster Dulles forneceu preciosas indicações de como articulações para a entrada dos pecebistas opositores da linha

---

<sup>6</sup>“O desastre de novembro e o naufrágio do stalinismo e do prestismo”. In: *A Luta de Classe*, nº28, abril de 1936. Pág. 1. Apud: *Ibidem*, pág. 174.

<sup>7</sup>Tal número de novembro de 1936 de *A Luta de Classe* (número 33) é, ainda, composto quase inteiramente de tradução de documento público da Quarta Internacional, sendo a apenas última página reservada a 3 informes produzidos no Brasil. Um sobre a viagem de Augusto Besouchet, já integrado ao movimento trotskista, para lutar na guerra civil espanhola; o segundo sobre a morte do militante da LCI Manuel Medeiros no presídio Maria Zélia; e um terceiro para fazer um chamado pela unidade operária contra o integralismo. Curiosamente, este último tem, ao fim, um chamado pela construção do Partido Operário Leninista, já revelando a existência de discussões em torno da sua formação.

considerada “putschista” teriam ocorrido na ocasião de sua prisão conjunta no presídio Pedro I, no Rio de Janeiro, no ano de 1936:

As prisões do Rio, mais do que as de São Paulo, tornaram-se palco de intensa animosidade entre trotskistas e stalinistas. [...] Os trotskistas presos, expulsos do PCB antes de novembro de 1935, foram encontrar por detrás das grades membros do PCB expulsos por terem se oposto aos levantes. [...] No “Pedro I”, o círculo trotskista compunha-se de Paes Leme, Plínio Melo, Karacik, um operário (do porão) e dois dos três líderes (Barreto Leite – Besouchet – Gikovate) do recente “cisma” do PCB, cujos formidáveis argumentos contra a insurreição haviam sido expostos a Prestes em carta de Barreto Leite Filho, de 26 de outubro de 1935. Apesar dessa carta, encontrada pela polícia entre os papéis de Berger, nem o médico Febus Gikovate nem o jornalista Barreto Leite Filho escaparam à prisão. Augusto Besouchet, veterano e devotado militante do PCB e organizador sindical, que havia pouco se tornara membro efetivo de um comitê regional, escapou escondendo-se na área do Rio e saindo à noite para trabalhar no jornalismo com nomes inventados.<sup>8</sup>

Pedrosa vai acompanhar mais de perto a reorganização dos trotskistas no POL em seu primeiro ano de existência, mas diante do golpe do Estado Novo (novembro de 1937) e da abertura de um processo contra ele pelo Tribunal de Segurança Nacional, decide, com apoio da organização, sair do Brasil. Uma de suas correspondências do período deixam claro como, após um ano de fundação do POL, o grupo via o momento político como um de “começar tudo outra vez do começo”, ou seja, que se dava um momento de reconstrução do movimento trotskista brasileiro:

Estamos aqui concordes que o golpe [de] Getúlio abriu uma nova fase no desenvolvimento da situação. Num certo sentido, comparável ao que se passou na Alemanha com o advento de Hitler: isto é, é preciso começar tudo de novo. O PC, que já estava em agonia, volatilizou-se, e aqui as perspectivas de renascimento são muito menores, tendo em vista a situação geral do mundo e a decadência pronunciada da IC. Não há tradições teóricas e organizatórias ponderáveis. Nós poderemos assim nos manter, e aproveitar o tempo para criarmos os primeiros quadros, isto é, tarefa propagandística e educadora em primeiro lugar. A fase de estabilização relativa, diante de nós, e a profunda derrota e depressão sofridas impõem a todos nós começar tudo outra vez do começo. Mas agora com maior experiência e maior concentração de esforços. Afinal no Brasil chegamos, numa marcha ré violenta, a uma época em que se abre na prática a questão da emigração; quiseram os fatos que fosse eu o primeiro a ser forçado realmente a emigrar (não tome a emigração no sentido puramente geográfico, mas sobretudo no sentido da atividade política, pois a emigração em si pode também ser para o interior do próprio país).<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>DULLES, John W. F. O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial, págs. 46-47.

<sup>9</sup>Carta de Mario Pedrosa a Mon vieux [Lívio Xavier]. Rio de Janeiro, 03-12-1937. Apud: KAREPOVS, Dainis. Mario Pedrosa e a Quarta Internacional (1938-1940). In: MARQUES NETO, José Castilho (org.). Mario Pedrosa e o Brasil. págs. 100-101.

A descontinuidade e desorganização da LCI, a entrada de uma nova leva de membros experientes recém-saídos do PCB e a ausência de Mario Pedrosa desde fins de 1937 são elementos importantes para relativizarmos os laços de continuidade entre a LCI e o POL e reconhecermos a ruptura parcial de continuidade organizativa entre os dois grupos.

### **Atividades do POL**

Depois das articulações ao longo do ano de 1936, da qual temos poucas informações além daquelas que são fornecidas por Dulles, o POL é oficialmente fundado na cidade do Rio de Janeiro, no dia 3 de janeiro de 1937. Um documento mimeografado de 6 páginas anuncia a fundação do POL a partir da união da Oposição Classista com o “Grupo Bolchevique-Leninista”, remanescentes da LCI no Rio. Esse material está em formato de teses, contendo as principais críticas trotskistas ao PCB, à organização prematura dos levantes de novembro de 1935, à degeneração da IC e da URSS, assim como à política internacional do estalinismo, mostrando assim uma maturidade e conhecimento das posições do movimento trotskista internacional por parte do novo agrupamento<sup>10</sup>. A introdução do documento dá breves explicações das origens do novo grupo, assim como das tarefas iniciais colocadas pelo POL para si mesmo:

Delegados do Grupo Bolchevique-Leninista (antiga LCI), da Oposição Classista do PCB, membros e ex-membros do PCB, militantes operários e intelectuais inorganizados, reuniram-se em 3 de janeiro de 1937 e, depois de uma ampla discussão sobre a situação do movimento proletário revolucionário tanto nacional como internacional, resolveram, por unanimidade, aprovar a seguinte tese: “As tarefas revolucionárias do proletariado e o novo agrupamento da vanguarda”

Tendo em vista a importância do mesmo documento, os camaradas presentes resolveram dar ao mesmo a mais ampla divulgação. As teses aprovadas devem servir como eixo inicial de agrupamento para todos os militantes revolucionários da vanguarda operária na etapa decisiva em que entramos.

Dando-se o primeiro passo para a fundação do novo partido, a assembleia elegeu um Comitê Provisório de Organização, encarregado de elaborar, na base de princípios estabelecidos nas presentes teses, o Programa e os Estatutos da nova organização e executar as primeiras tarefas com esse fim.

Por maioria ficou ainda decidido dar ao novo partido a denominação de “PARTIDO OPERÁRIO LENINISTA”.<sup>11</sup>

Uma das ações sobre as quais os trotskistas do POL se dedicaram foi a publicação de periódicos. No ano de 1937, aparecem ao menos 3 números do jornal *Sob Nova*

---

<sup>10</sup>Cf. ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). Na contracorrente da História. Documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940), págs. 280-291.

<sup>11</sup>*Ibidem*, págs. 280-281.

*Bandeira* (do qual apenas o terceiro número, de setembro, está preservado). Esse jornal apresenta uma diagramação, um estilo e um formato diferentes dos materiais anteriormente publicados pelos trotskistas brasileiros. Evidenciando a adoção de novas técnicas editoriais, de qualidade inferior, eram mimeografados e não impressos.

É somente no último mês de 1937 que reaparecem duas edições do antigo jornal trotskista, *A Luta de Classe*, que não contara com nenhuma edição desde novembro de 1936. A escolha de retomar o título (assim como a numeração) do periódico indica um claro desejo do POL de reivindicar o trabalho realizado anteriormente pelo movimento trotskista (GCL, LC, LCI), embora tenhamos destacado as rupturas de continuidade que envolvem a criação do POL.

Além desses jornais, o POL editou, em 1937, três números do *Boletim de Informações Internacionais*, com materiais específicos sobre a luta de classes fora do Brasil e repleto de traduções de Trotsky e do Movimento pela Quarta Internacional. Também há registro de livretos mimeografados, como um de 40 páginas, escrito por Mario Pedrosa e editado em julho de 1937, intitulado *A situação nacional*<sup>12</sup>. Dividido em duas partes (*A posição da burguesia e A posição do proletariado*) tal material foi a versão mais bem-acabada e mais sofisticada da análise trotskista sobre a realidade social e a conjuntura política brasileira, que havia se iniciado ainda em 1930 com o famoso *Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil* escrito por Mario Pedrosa e Lívio Xavier, então organizados no Grupo Comunista Lenine (GCL). *A situação nacional*, que merece uma análise à parte, representou uma consolidação e um aprofundamento das teses trotskistas sobre a formação social brasileira.

Apesar da forçosa ausência de Pedrosa e do difícil momento político para as organizações revolucionárias, os trotskistas puderam se manter de pé. Isso se deveu, em grande medida ao grupo rompido do PCB em fins de 1935. Febus Gikovate (sob o pseudônimo Andrade) parece ter assumido parte significativa das tarefas de imprensa e de organização do POL, elaborando junto com as contribuições enviadas por Pedrosa, grande quantidade dos artigos impressos em *A Luta de Classe*.

---

<sup>12</sup>Cf. *Ibidem*, págs. 292-334.

Outro fator que evidencia a quebra de continuidade entre a LCI e o POL é o geográfico. Nos anos 1931-1935, o local de principal atuação política da LC/I havia sido a cidade de São Paulo. Nela, a LC/LCI havia recrutado um número superior de trabalhadores, havia estabelecido sua mais forte atuação no movimento operário, sobretudo na União dos Trabalhadores Gráficos (UTG)<sup>13</sup>, e havia participado ativamente da organização da Frente Única Antifascista (FUA) com outras organizações de esquerda<sup>14</sup>. Com a reorganização do movimento com o POL, o Rio de Janeiro voltava a ser o núcleo central de atuação do trotskismo brasileiro<sup>15</sup>.

A atuação do POL no movimento da classe trabalhadora ainda é um tema envolto em névoas. Certamente, o trabalho do POL teve menor repercussão do que o realizado pela LCI no ano de 1934, por exemplo, na FUA, que realizou manifestações de massa contra a Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado, sendo a maior delas em 7 de outubro de 1934, que descambou em um confronto armado na Praça da Sé<sup>16</sup>. Porém, as publicações do POL deixam a entender que o grupo mantinha um contato, ainda que frágil, com setores da classe trabalhadora.

É característico do período, afetando também outras correntes operárias, a perda de laços com os sindicatos e organizações mais amplas do proletariado, causada pela repressão governamental após novembro de 1935. Mas isso não significou indiferença diante dos debates que acometiam o proletariado brasileiro, desde as condições de vida e restrições de direitos, até a questão do controle estatal sobre o movimento sindical. Esses elementos são destacados pela dissertação de mestrado de Roberto Borges Lisboa:

---

<sup>13</sup>“Em uma estatística apresentada na primeira conferência nacional, realizada em maio de 1933, encontramos um perfil da organização nos seus dois primeiros anos de vida. Foram recrutados 51 militantes – 16 no Rio de Janeiro e 35 em São Paulo. O perfil profissional desses militantes mostrava os sindicatos nos quais a liga tinha atuação: gráficos e jornalistas, comerciários, motoristas, ferroviários, alfaiates, trabalhadores da construção civil, sapateiros, professores”. Cf. KAREPOVS, Dainis e MARQUES NETO, José Castilho. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966).

<sup>14</sup>Cf. CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*. Rio de Janeiro, dez. 2002, p. 354 – 388.

<sup>15</sup>Usamos o verbo “voltava” porque antes da adesão do grupo paulista de Aristides Lobo e Plínio Mello ao movimento trotskista, saído do PCB no início de 1931, o Grupo Comunista Lenine tinha suas atividades centradas no Rio de Janeiro. A Liga Comunista do Brasil/Liga Comunista Internacionalista (1931-1936) manteve atividades nas duas cidades, mas tinha em São Paulo o seu núcleo dirigente e maior escopo de atividade política.

<sup>16</sup>Ibidem, págs. 374-379.

[...] De dezembro de 1937 a agosto de 1939, as notícias veiculadas em *A Luta de Classe*, sobre o movimento sindical, evidenciam os esforços da classe operária diante de uma realidade adversa. As mesmas permitem recuperar traços da realidade imposta à classe operária e sua vanguarda.

Na primeira quinzena de dezembro, *A Luta de Classe* repercutiu duas notícias relacionadas à classe operária. Na primeira foi reproduzida a carta de um operário chamado Gustavo, da categoria dos garçons, referindo-se ao aumento do custo de vida e aos baixos salários. Ele evidencia a situação dos operários que reivindicaram e lutaram contra o “regime de exploração”, marcada pelo estado de guerra e a perseguição policial, vistos com satisfação pelos seus patrões. O operário reivindica na carta a combatividade da numerosa categoria e apresenta um programa de reivindicações imediatas para a luta dos garçons, como a do salário-mínimo. Por outro lado, a segunda refere-se à eclosão da greve dos estivadores de Fortaleza, vinte dias depois do golpe de Estado, reivindicando “melhores condições devida e de trabalho”. A carta do trabalhador informa o desfecho que resultou na prisão de um dos dirigentes do movimento, assim como, na promessa do capitão do porto em conceder as reivindicações pleiteadas.

Destaca-se na edição seguinte de *A Luta de Classe* – na segunda quinzena do referido mês – que o Comitê Central Provisório do POL responde à carta do operário Gustavo, publicada na edição anterior, apontando os limites da reivindicação pelo salário-mínimo e, propondo, em contrapartida, a do “aumento dos salários”. O diálogo estabelecido procura problematizar as reivindicações apresentadas no jornal, indicando seus limites e estabelecendo uma metodologia para a superação dos erros de forma fraternal. Por exemplo, o comitê do POL indica os limites da reunião de todos os trabalhadores de uma mesma categoria, considerada acertada, mas limitada. Isto, inclusive para a vitória das lutas parciais. Também, a resposta do Comitê reforça a questão da luta de classe, entendida como luta política e, portanto, pressupondo “a existência do instrumento de luta” – o partido – constituído pelos “elementos mais conscientes e mais combativos da classe operária”.<sup>17</sup>

A dissertação em questão aponta que as publicações do POL deram voz a diversos setores do movimento operário que podemos especular que o partido manteve contato ou ao menos junto aos quais buscou uma intervenção.

Neste sentido, as notícias de movimentações da classe operária no jornal *A Luta de Classe* são reincidentes, mas demonstram as difícilimas condições impostas à classe operária. As greves e outras notícias remetem a reivindicações de determinadas categorias em locais específicos de trabalho, repercutindo as más condições de trabalho e baixos salários, entre outras questões pontuais. Dentre elas, se destacam aquelas sobre os operários em greve da Fábrica de Vidro Esberard; os baixos salários dos tecelões das fábricas de tecidos; os ferroviários e a Caixa de Aposentadoria e Pensões da Central do Brasil; os protestos dos trabalhadores de ônibus da Empresa Viação Elite; os trabalhadores de ônibus de luxo e a conquista do sistema de três turmas adotados na Empresa Limousine Federal; um caso de um trabalhador do comércio do Rio de Janeiro despedido sumariamente; os operários têxteis em greve da Fábrica de Santo Aleixo em Magé e as operárias da Fábrica Vizetti diante de péssimas condições de trabalho e salários defasados.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup>LISBOA, Roberto Borges de. Revolução e realidade social na imprensa trotskista brasileira nos anos 1930, págs. 136-137.

<sup>18</sup>Ibidem, pág. 138.

Mas a forma de atuação do POL que abordaremos de forma mais detida será denominada por nós de esforços de reagrupamento, de fusão com outros agrupamentos que se reivindicavam socialistas revolucionários. Quando o movimento liderado por Trotsky decidiu abandonar a tentativa de reformar (ou regenerar) a Internacional Comunista em 1933, uma das suas prioridades passou a ser dialogar com grupos considerados “centristas”. Um exemplo desse esforço foi a “Declaração dos Quatro” assinada em agosto de 1933 pela Oposição de Esquerda Internacional com três grupos participantes de uma conferência internacional operária em Paris, que haviam rompido com a Segunda ou Terceira Internacionais, os movimentos mais significativos do movimento operário europeu do período. Essa declaração estabelecia uma lista de 10 princípios comuns e as bases para uma aproximação política e futura fusão entre os agrupamentos.<sup>19</sup>

Alguns escritos de Trotsky no período enfatizam o diálogo com as organizações “centristas”, que estariam a meio caminho entre reformistas e revolucionárias<sup>20</sup>. O centrismo deveria ser “expurgado” do movimento operário, mas tal objetivo não deve ser entendido como um ataque unilateral a esses grupos, e sim uma proposta para que superassem essa condição política intermediária por meio do convencimento, atraindo-os para o movimento pela Quarta Internacional. A relação dos trotskistas com as organizações por eles consideradas centristas nos anos 1930 é um tema complexo, que merece um estudo em separado. Mas podemos dizer que este esforço representou uma das preocupações táticas centrais dos trotskistas pós-1933. A seguir, veremos como essa abordagem com um grupo considerado centrista foi bem-sucedida no Brasil, resultando em uma fusão e conseqüente reforço do movimento trotskista.

### **Crise do PCB e “cisão na cisão”**

O PCB, seção da Internacional Comunista no Brasil, era um partido em crise após 1936. Prestes é preso em 5 de março desse ano, assim como Antônio Maciel Bonfim (que usava o pseudônimo Miranda) havia sido capturado em janeiro e sofrido tortura. O partido se desintegrou parcialmente devido à repressão varguista, que prendeu todo seu

---

<sup>19</sup>Cf. **JOINT Declaration for the New International, The Militant**, vol. VI, n. 44, 23 de setembro de 1933, págs. 1-2.

<sup>20</sup>Cf. **Leon Trotsky, “Two Articles on Centrism”, Class Struggle**, vol. 4, n. 8, agosto de 1934.

núcleo dirigente. Em fins de 1936, houve uma reconstrução do Comitê Central, hegemonizado por Lauro Reginaldo da Costa (que usava o pseudônimo Bangu), Elias Reinaldo da Silva (pseudônimo André) e Eduardo Ribeiro Xavier (pseudônimo Abóbora). Ao se constituir numa fuga para o Nordeste e depois com auxílio do Comitê Regional de São Paulo, porém, essa direção incorrerá em uma série de posicionamentos que não serão bem-aceitos pelo conjunto do partido, abrindo um amplo questionamento, tanto sobre o conteúdo de tais posições, quanto sobre a legitimidade da própria direção, que não fora estabelecida de forma congressual (algo que era impedido, em grande medida, pelo próprio cenário político repressivo).

Os debates políticos principais no interior do PCB envolveram a diferença sobre o papel da burguesia nacional na revolução brasileira, o apoio ou não a algum candidato presidencial nas eleições previstas para o início de 1938 (que não chegaram a ocorrer devido ao golpe do Estado Novo em novembro de 1937) e sobre a convocação de um congresso do partido, para escolher uma nova direção. O grupo de oposição surgiu no Comitê Regional de São Paulo, ao redor de seu dirigente, Hermínio Sacchetta (que usava os pseudônimos Paulo e Leônidas), Heitor Ferreira Lima (pseudônimo Barreto) e Hílio de Lacerda Manna (pseudônimo Luís), e que redigiu documentos e organizou reuniões questionando as posições políticas da direção Bangu–André, a quem rapidamente se uniria Abóbora depois de inicialmente concordar com as críticas do CR-SP. Tal embate político, travado no interior do partido em condições de absoluta clandestinidade, recebeu poucos estudos significativos, dentre os quais não podemos deixar de citar aqueles de maior envergadura, realizados por John Foster Dulles (*O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial*) e por Dainis Karepovs, em sua tese de doutorado, publicada em 2004 como o livro *Subterrâneos da Luta – O PCB em 1937-1938*.

Algumas das críticas feitas pelo CR de São Paulo eram realizadas também pelos trotskistas do POL. Ambos agrupamentos criticaram a preferência, primeiramente discreta e posteriormente aberta, da direção do PCB pelo candidato José Américo (então endossado por Vargas). De acordo com Dainis Karepovs, a partir de agosto de 1937, após negociações frustradas com o candidato paulista e opositor do regime, Armando Salles Oliveira, a maioria do Secretariado Nacional do PCB (SN) passa a apostar no apoio ao candidato José Américo:

Embora considerasse que, nesse momento, fosse prematuro e falso considerá-lo candidato popular, democrático, dada a heterogeneidade de seus apoios e a ausência de uma orientação programática mais nítida, o SN constatava aspectos favoráveis:

“1º o seu aparecimento à revelia do Catete e como resposta aos planos de Getúlio no sentido da implantação de uma ditadura de terror fascista; 2º o conteúdo democrático de parte das forças que o apoiam; 3º a honestidade pessoal do candidato, já comprovada por atos praticados durante sua permanência à frente do Ministério da Viação; 4º em relação à candidatura Armando Salles um contingente bem maior de forças populares.”

[...]

Imediatamente após a apresentação do programa, era introduzida uma frase, no documento do SN, que pode ser considerada o núcleo do documento:

“Constatamos, entretanto, que há um maior contingente popular com José Américo. Devemos, portanto, logicamente, fazer maior pressão de massa em torno desse candidato, visando: 1º) ampliar esta composição popular, 2º) impossibilitar, assim, o mais possível, que as forças reacionárias consigam envolvê-lo de forma a dar à sua candidatura um conteúdo antidemocrático”.<sup>21</sup>

Em outro documento, o Bureau Político (BP), formado pelos apoiadores de Bangu, apontava que “*O S.N. resolveu há tempos que o Partido deve atuar mais próximo de J.A. [José Américo] com a finalidade de transformá-lo em candidato democrático e garantir sua vitória*”<sup>22</sup>. Tal posicionamento será, inicialmente, criticado mesmo por figuras emblemáticas do PCB, como Otávio Brandão, que trabalhava como funcionário da IC em Moscou, assim como por Prestes, preso. Porém, mesmo com críticas iniciais, manterão depois a unidade do partido contra a oposição do Comitê Regional de São Paulo.

Desde 1937, o POL havia deixado clara a sua crítica à opinião da direção do PCB de que a candidatura José Américo poderia fortalecer a democracia:

Esperar que a vitória de Sales ou de José Américo barre o caminho a Plínio Salgado é acreditar que benzimento cura doença. Na Alemanha, os social-democratas elegeram Hindenburg presidente da república para evitar que Hitler subisse ao poder. Esse exemplo basta para esclarecer a questão. Depois dele, preconizar a eleição de qualquer dos dois candidatos burgueses para cortar as asas de Plínio Salgado já não é mais ingenuidade, mas estupidez criminosa ou má-fé.<sup>23</sup>

Enquanto isso, no interior do PCB, Sacchetta questiona os métodos do grupo de Bangu, que teria alertado aos membros do partido que ele, Sacchetta, e o Comitê Regional de

---

<sup>21</sup>KAREPOVS, Dainis. Luta subterrânea. O PCB em 1937-1938, págs. 194-197.

<sup>22</sup>Ibidem, pág. 197.

<sup>23</sup>PEDROSA, Mario. A situação nacional. Teses aprovadas pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista, em junho de 1937. In: ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). Na contracorrente da História. Documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940), pág. 328.

São Paulo possuiriam “teses semitrotskistas”<sup>24</sup>. O CR-SP criticava Bangu–André sobre uma questão mais profunda a respeito do papel da burguesia na revolução brasileira. Bangu e seus companheiros passaram a defender não apenas que a revolução brasileira deveria passar por uma primeira fase burguesa (formulação que já aparecia nos jornais e textos do partido desde meados dos anos 1920, às vezes como “revolução pequeno-burguesa”), mas também que um setor dessa classe deveria ser a “força motriz” da revolução nacional, devendo o proletariado seguir tal liderança. É nesse sentido que ia a crítica dos dissidentes:

É absolutamente falso o ponto de vista em que se colocam alguns camaradas, considerando um erro o movimento da ANL nas bases em que surgiu a compreensão que então se tinha sobre as forças motrizes da Revolução em nosso país. Esses camaradas inventaram após Novembro 1935 uma burguesia progressista oprimida como *principal* força motriz da revolução nacional libertadora; dividem o imperialismo em melhor e pior e com isso pretendem esconder os nossos próprios erros que ocasionaram o fracasso do movimento de 35.

[...]

Eis como se faz o partido perder toda a independência política e orgânica. Política, apoiando ‘a luta contra os dois extremismo’ e, *incondicionalmente*, um candidato sem programa, representando fundamentalmente as forças políticas feudal-burguesas e o imperialismo... Quando em todo o mundo os comunistas se colocam como vanguarda da luta antifascista, agrupando diferentes forças sem, no entanto, perder por um só instante a perspectiva final da nossa luta – a derrubada do capitalismo e a instauração da sociedade socialista sem classes....

[...]

Enquanto Getúlio e o integralismo se lançavam com todo o vigor à conquista das grandes massas, nós, seguindo a orientação de Bangu e André, iludíamos o proletariado e o povo mandando-os confiar os seus destinos nas mãos de uma pretensa ‘burguesia nacional-revolucionária – principal força motriz da revolução’ e nas mãos daquele que os oportunistas julgavam ser o candidato dessa burguesia.<sup>25</sup>

Porém, cabe destacar que a explicação dessas posições divergia entre os trotskistas e os “centristas” do PCB (de acordo com a caracterização dos primeiros). Enquanto os trotskistas consideravam as posições de Bangu e cia. um aprofundamento/continuidade da posição histórica do PCB, o Comitê Regional de São Paulo definia como um revisionismo original do novo grupo dirigente. Portanto, os trotskistas comentavam, num artigo assinado por “Andrade” (pseudônimo de Febus Gikovate) que não apenas essa não era uma formulação original, como também não havia partido da nova direção

---

<sup>24</sup>PAULO (Leônidas). Carta aberta a todos os membros do Partido. Rio de Janeiro [São Paulo], janeiro de 1938, p.2 (Cemap). Apud: KAREPOVS, Dainis. Luta subterrânea. O PCB em 1937-1938, pág. 206.

<sup>25</sup>TESES da Conferência Regional de S. Paulo do PCB (Seção da IC), págs. 2-9. Apud: ANDRADE [Febus Gikovate], A crise do stalinismo no Brasil. In: A Luta de Classe, Ano VIII, n. 37 (II), 25 de janeiro de 1936 [1938], págs. 1-5.

do PCB, mas da própria Internacional Comunista estalinizada, ponderação ausente nas formulações da dissidência:

Já antes do golpe de 35 o PC considerava a burguesia nacional a força motriz da revolução “nacional-libertadora”, embora falasse vagamente em hegemonia do proletariado, que consistia apenas no estribilho “com Prestes à frente”. No documento publicado pouco antes do golpe sob o título “O que é o governo popular nacional-revolucionário” prometia-se respeitar a propriedade privada, *inclusive o latifúndio*, taxar apenas as empresas imperialistas, conservar a atual estrutura do governo, inclusive os generais. Apenas o estribilho “com Prestes à frente” lembrava que haveria alguma modificação. E essa orientação foi ditada diretamente pelos representantes da IC. Não consta tampouco que tenha posteriormente criticada. A orientação de hoje não difere radicalmente da anterior, houve apenas mais um passo para a direita que a IC nem criticou e nem criticará. Os próprios aliados do golpe de 35 são outra prova esmagadora de que na prática já se considerava a burguesia nacional “principal força motriz da revolução nacional-libertadora”.

Quanto à divisão do imperialismo em “melhor” e “pior”, é ela hoje o eixo central de toda a política da IC e da URSS. A luta gigantesca entre o comunismo e o fascismo foi rebaixada pela IC a um duelo entre o fascismo e a democracia. Os burocratas corrompidos do stalinismo que dominam a URSS e a III Internacional consideram o imperialismo “democrático” (Estados Unidos, Inglaterra, França) como a principal força motriz da luta antifascista. [...] A “teoria” do imperialismo “melhor” e “pior” não saiu dos cérebros de Bangu e de André, não foi por eles inventada: é a teoria oficial da burocracia stalinista. [...] <sup>26</sup>

Também é possível identificar no novo grupo opositor dentro do PCB uma repetição dos ataques ao trotskismo tão comuns na literatura estalinista, como este, produzido em fins de 1937, para se defender as acusações, lançadas pelo grupo Bangu, de que fomentavam o “fracionalismo” e contavam com apoio dos trotskistas, “cães de fila do fascismo”<sup>27</sup>. Para defender-se de tal acusação, o CCP escrevia, em dezembro de 1937:

Não, camaradas, não somos trotskistas, nunca fomos trotskistas; porque sabemos perfeitamente que o trotskismo hoje é uma ala contrarrevolucionária no seio do movimento operário, um grupo de agentes do fascismo, um bando de celerados a serviço dos piores inimigos do proletariado e do povo.<sup>28</sup>

A luta interna do PCB, entretanto, acabou por criar uma condição que permitiu a aproximação entre esses dois agrupamentos, contexto no qual enfatizaremos a atuação do POL na realização de uma tática de reagrupamento, propiciando uma transformação

---

<sup>26</sup>ANDRADE [Febus Gikovate], A crise do stalinismo no Brasil. In: A Luta de Classe, Ano VIII, n. 37 (II), 25 de janeiro de 1936 [1938], págs. 2-3

<sup>27</sup>Cf. KAREPOVS, Dainis. Luta subterrânea. O PCB em 1937-1938, pág. 279.

<sup>28</sup>O Comitê Regional de S. Paulo. Sob a bandeira da IC; o CC Provisório do PCB, *O Partido Comunista do Brasil e os renegados da Revolução Brasileira*. Folheto mimeografado [1938], 34 páginas. Apud: DULLES, John W. F. O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial, pág. 155.

desde posições estalinistas anti-burguesia enquanto força motriz da revolução nacional e anti-José Américo como candidato, até as posições trotskistas do POL, e que resultariam numa fusão em agosto de 1939.

Inicialmente, o grupo opositor conseguiu apoio de vários comitês regionais do partido, tendo recebido posicionamentos favoráveis devido ao envio de representantes que faziam críticas à direção. Também desempenhou um papel para a hegemonia momentânea do agrupamento de oposição a importância do Comitê Regional de São Paulo, relativamente pouco atingido pela repressão e onde estava localizada a prensa do partido. Diante do apoio recebido e ao incorporar representantes de outras regionais, os opositores intitulam-se Comitê Central Provisório (CCP) em oposição ao Bureau Político (BP) de Bangu.

Posteriormente, entretanto, o BP conseguiu articular mais fortemente a lealdade de lideranças proeminentes de todos os Comitês regionais, recuperando o apoio de alguns indivíduos que haviam declarado antes concordar com o CCP. Acusou os membros do CCP de “faccionalismo” e de “trotskismo” e os expulsou do partido em novembro de 1937. O CCP, em represália, também expulsou Bangu, André e Abóbora, criando uma situação insustentável. Embora o CCP já tivesse perdido ímpeto a essa altura, maio de 1938 marca o ponto sem retorno da vitória do BP nessa disputa, quando a direção da Internacional Comunista, sediada em Moscou, endossa as posições da ala dirigida por Bangu, por meio de uma transmissão de rádio.

Ao mesmo tempo em que consolida o BP liderado por Bangu como liderança do PCB, tal posicionamento de Moscou vai colocar o CCP em um impasse. A maior parte dos membros da dissidência vai abandonar suas críticas à direção do partido e se redimir, buscando uma reconciliação com a direção, como ocorre com Heitor Ferreira Lima. O mesmo ocorrerá com todos os Comitês Regionais que haviam, inicialmente, dado apoio às críticas. Sacchetta, porém, assim como um pequeno grupo sob sua liderança, vai insistir nas críticas e, assim, deverá explicar como a IC e inclusive Stalin, a quem antes reivindicavam como comunistas exemplares, puderam apoiar e endossar Bangu até o final. Este grupo de comunistas incluía Alberto Moniz da Rocha Barros, José Stacchini e Patrícia Galvão. Ocorre então uma evolução da sua posição política em direção ao trotskismo, na qual analisaremos a intervenção do POL.

## Tática trotskista

Embora não haja quaisquer indícios de que os trotskistas tenham sido os fomentadores do surgimento da oposição ou da formação do CCP em 1937, a partir do momento em que o CCP perde ímpeto, o POL cumpre um papel decisivo em facilitar a evolução de alguns dos seus militantes até ideias trotskistas, atuando no fracionamento da dissidência e no convencimento do setor insiste nas críticas. É com a “cisão na cisão” (como a chama Karepovs) que os trotskistas atuarão decisivamente. Farão isso por meio de uma crítica ao “centrismo” desses militantes, ao mesmo tempo e que os chamam a uma reavaliação de sua trajetória e a estudarem as ideias da Quarta Internacional<sup>29</sup>, deixando de lado os preconceitos estalinistas.

Mesmo antes do fracionamento do CCP e ou da decisão de Moscou de apoiar Bangu, que forçou a cisão a reconsiderar suas perspectivas, uma posição tática do POL ressoou internamente no PCB. Tratou-se da decisão de apoiar simbolicamente Prestes como candidato presidencial para o pleito de 1938. Lembremos que Prestes se encontrava preso e que os trotskistas eram opositores de suas concepções políticas. Diziam:

O Partido Comunista, como a III Internacional, de Comunista só conserva o nome. Luiz Carlos Prestes também, de comunista só tem a fama. Nem ele, nem o seu partido representam, na realidade, os interesses históricos da classe trabalhadora, encarnados na bandeira comunista tal como Lenin a recebeu de Marx. A dialética da luta de classes, porém, transformou momentaneamente esse pequeno-burguês oportunista na expressão da revolução proletária no Brasil. Nessa qualidade, a burguesia o condenou a quase 20 anos de prisão e degredo num campo de concentração. Ele, por isso mesmo, se tornou, aos olhos de toda a massa, no chefe comunista mais conhecido do país. Nas condições presentes, em que o antigo partido comunista jaz hoje desmoralizado, sem sentido de classe, na cauda dos piores reacionários, em que o proletariado ainda não pôde criar o seu verdadeiro partido revolucionário de massa, e, muito menos, os seus verdadeiros chefes, o seu estado-maior bolchevique-leninista, o inimigo de classe já nos indicou, de antemão, o nome que devemos levar às urnas nas próximas eleições para presidente da república: Luiz Carlos Prestes. Votar em Prestes para presidente da república é votar pela anistia, é reerguer, num gesto de desafio revolucionário de classe contra classe, a bandeira do comunismo que o stalinismo, de que o próprio Prestes é um instrumento, deixou cair na lama do oportunismo.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup>A Quarta Internacional seria fundada oficialmente apenas em setembro de 1938, numa conferência realizada nos arredores de Paris.

<sup>30</sup>PEDROSA, Mario. A situação nacional. Teses aprovadas pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista, em junho de 1937. In: ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). Na contracorrente da História. Documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940), págs. 332-333.

Apesar do caráter eminentemente simbólico dessa postura, ela teve um grande impacto e foi debatida pelas duas alas do PCB. A ala Bangu usou-a para reforçar seu ataque ao CCP, associando-o aos trotskistas por sua recusa de apoiar José Américo. Já o CCP afirmava que o posicionamento oportunista do grupo de Bangu havia dado brecha aos trotskistas para apoiarem Prestes<sup>31</sup>. Ainda assim, ainda em fevereiro de 1938, o CCP ainda recusava raivosamente ser chamado de trotskista, afirmando que o grupo de Bangu desprestigiava a IC “de Lenin e Stalin, fazendo assim, claramente, o jogo do trotskismo”<sup>32</sup>. Nenhum dos dois grupos, porém, explicava porque eram os trotskistas os únicos a apoiar um candidato reconhecidamente visto como representante da classe trabalhadora (ainda que fossem levantadas sérias críticas ao mesmo). Segundo Foster Dulles, em meados de 1937:

Os trotskistas, igualmente críticos da posição de Bangu e André, marcharam para o bairro industrial de São Cristóvão, no Rio, arvorando uma bandeira vermelha onde se lia “Votai em Luís Carlos Prestes” e “Viva o novo Partido Operário Leninista”. Mas quando a polícia atirou, recuaram, abandonando a bandeira. Em *A Luta de Classe*, escreveram: o PCB “eliminou completamente todo conteúdo de classe de seu programa e esforçou-se em a massa a reboque” de um candidato burguês.<sup>33</sup>

Em janeiro e em abril de 1938, dois artigos sobre a cisão do PCB são publicados no jornal *A Luta de Classe*, evidenciando a atenção dada pelos trotskistas ao desenvolvimento desse grupo. Esses materiais, intitulados *A crise do estalinismo no Brasil e Ainda a crise do estalinismo no Brasil* reconheciam a virada progressiva dos dissidentes, ao mesmo tempo em que exortavam um reconhecimento de que a raiz das posições questionadas ia muito além da direção Bangu–André. Podemos perceber diferentes tons de atitude com relação à dissidência. Vejamos primeiramente a caracterização da mesma pelos trotskistas:

O caráter centrista das críticas ressalta à primeira vista pela limitação artificial do problema. A linha política do PCB é analisada independentemente da orientação de outras seções da IC e da própria IC. Os opositoristas consideram, sem discussão prévia, baseados apenas em algumas frases soltas de Dimitrov e outras já bastante antigas de Stalin, que ele mesmo hoje classificaria de trotskistas, a orientação geral da IC e em particular as diretivas para os países coloniais e semicoloniais, inclusive o Brasil, como absolutamente certas. [...] Entretanto as próprias críticas dos opositoristas, embora

---

<sup>31</sup>Cf. KAREPOVS, Dainis. Luta subterrânea. O PCB em 1937-1938, págs. 315-318.

<sup>32</sup>Cf. DULLES, John W. F. O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial, pág. 155.

<sup>33</sup>Ibidem, pág. 130.

não sejam levadas por eles conseqüentemente até o fim, são mortais não só para o período da linha política aliancista mas também para a própria IC.<sup>34</sup>

Além de não levarem suas críticas “conseqüentemente até o fim”, o grupo dissente era criticado por ter palavras de ordem que não prezavam pela hegemonia proletária na luta antifascista, o que estaria em contradição com a sua crítica à direção. Entre as palavras de ordem criticadas pelo POL, estavam “Pela república federativa democrática”, “Pela constituição de 34 na sua pureza original (sem as manchas de 36)” e “União de todos os democratas numa poderosa Frente Antifascista”. O mesmo artigo questionava posições internacionais da IC, como era o caso do seu papel nos eventos da guerra civil espanhola e na França, onde se organizara uma “Frente Popular” entre o PC e partidos burgueses. Tratava o POL então de demonstrar que as posições de Bangu e André não eram uma exceção:

[...] E na França o PC trata por acaso de luta de classes? Não apoiou ele ainda há dias o novo gabinete Chautemps, que se propõe estabelecer a “paz social” e a “justiça do trabalho”? Não participa ele da “União Sagrada” (500 e poucos votos contra um) já efetuada antes da guerra? Não votou ele os créditos de guerra? Não é por acaso o governo da Frente Popular, apoiado pelo PC, a menina dos olhos de Stalin, que afoga em sangue os movimentos anti-imperialistas do Marrocos e as greves do proletariado indochinês? O pacto franco-soviético não amarrou o proletariado da França ao sórdido imperialismo francês?

E na Espanha o que se passa? Os stalinistas se aliam com a direita socialista e com Azaña para derrubar o governo Caballero. Destroem em seguida implacavelmente todas as organizações revolucionárias e anulam todas as conquistas dos primeiros dias gloriosos quando os operários de Madrid e Barcelona tomaram à unha os quartéis, focos da rebelião. Na Espanha as prisões se enchem de revolucionários. Nin é assassinado covardemente. Centenas de anarquistas e membros do POUM pagam com a vida o sonho da revolução proletária. E tudo isso para manter a hegemonia da burguesia espanhola, ligada ao imperialismo “melhor” anglo-americano. [...]<sup>35</sup>

Também defendem-se dos ataques atirados aos “trotskistas”, criticando tanto a direção do PCB quanto à dissidência, por acreditar piamente nas calúnias. Afirmavam que:

A IC há muito só vive em função da campanha antitrotskista. À medida que os militantes revolucionários se agrupam em número cada vez maior em torno da bandeira da IV Internacional, cresce o furor, a raiva e crescem os crimes da IC [...] O epíteto de trotskistas também foi lançado aos opositoristas pelos burocratas escolados Bangu e André. Para se defenderem da acusação, os cissionistas procuram se salientar na campanha antitrotskista. Elevam a voz para que ela seja ouvida com nitidez no coro infernal da burocracia stalinista e de seus asseclas. Não apresentam um só documento

---

<sup>34</sup>ANDRADE [Febus Gikovate], A crise do stalinismo no Brasil. In: A Luta de Classe, Ano VIII, n. 37 (II), 25 de janeiro de 1936 [1938], pág. 1-2.

<sup>35</sup>Ibidem, pág. 3.

novo. Não analisam os documentos e as atitudes dos trotskistas do Brasil (POL). Se o fizessem constatariam facilmente que há muito combatemos impiedosamente os burocratas stalinistas nacionais que, segundo os próprios cissionistas, levaram o proletariado à derrota e o país ao fascismo. [...] <sup>36</sup>

E, por fim, fazem uma previsão que se demonstraria bastante acertada sobre o destino dos opositores, sugerindo um caminho de correção dos erros e aprofundamento dos estudos políticos para que os dissidentes se aproximassem do POL. Mencionam o caso de Noé Gertel (de pseudônimo Camargo), militante da Juventude Comunista que a princípio simpatizou com a oposição mas que depois a traiu para colaborar com a direção banguzista:

[...] Camargo capitulou e foi levado imediatamente a cometer a primeira infâmia – atacou, por meio de calúnias, os camaradas da véspera, acusando-os de trotskistas. Da capitulação só parte uma estrada – a da infâmia. Nem a grandeza moral de um Rakovski soube resistir.

Abandonar a luta? É trair. É deixar o campo aberto à burocracia. É desertar do posto no momento mais grave. Resta uma única alternativa, um único caminho. Levar a luta consequentemente até o fim. Escapar da atmosfera venenosa do stalinismo. Reestudar as obras de Marx, Engels e Lenin. Investigar cuidadosamente as causas das derrotas do proletariado na Alemanha em 1924, na China em 1927, na Alemanha novamente em 1932 e no Brasil em 1935 e 1937. Analisar as divergências surgidas na Internacional depois da morte de Lenin. Meditar o problema da revolução permanente e o da construção do socialismo num só país. Enfim, fazer um estudo crítico de todos os problemas deformados pelo stalinismo.

Este caminho – o único caminho – conduz infalivelmente à IV Internacional, herdeira dos ensinamentos de Marx, Engels e Lenin, das tradições de Outubro e esperança da revolução proletária. Trotski, o companheiro de Lenin, o organizador do exército vermelho e da vitória, *o homem que não capitulou*, empunha esta bandeira. <sup>37</sup>

Febus Gikovate, representando o POL, se mudou para a capital paulista em fevereiro de 1938 para estabelecer diálogo com os membros da cisão no CCP, agora nomeada Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária (DPRVR). Também acompanharam a atuação de uma militante da dissidência no Rio de Janeiro, Patrícia Galvão (que usava o pseudônimo Pagu). Mantiveram conversações em São Paulo por meio de apoiadores do POL presentes nessa cidade, como Plínio Gomes de Mello. <sup>38</sup>

Menos de 1 ano depois, em abril de 1939, já seria realizada uma “Pré-conferência” entre o POL e a Dissidência, já desprovida de boa parte de seus membros, reconciliados ao

---

<sup>36</sup>Ibidem, pág. 4.

<sup>37</sup>Ibidem, pág. 5.

<sup>38</sup>Cf. DULLES, John W. F. O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial, págs. 148-149

PCB. A resolução dessa Pré-conferência atestava a disposição dos grupos para uma fusão, a convergência de análises sobre a situação nacional e internacional, e também a evolução da DPRVR para posições declaradamente trotskistas:

A pré-conferência constata que a III Internacional traiu integralmente os interesses do proletariado e da revolução socialista mundial. Simples agência da burocracia soviética corrompida, esforça-se em preparar ideologicamente as massas trabalhadoras para que defendam na próxima guerra os interesses do bloco imperialista “democrático”. Entrava por todos os meios a seu alcance a luta revolucionária – caso espanhol – e os agentes da GPU massacram os militantes revolucionários em todos os países.

O PCB, seção brasileira da IC, fiel à política de traição, transformou-se em agência do imperialismo americano e esforça-se em preparar uma base de massa para o “Estado Novo” policial-militar de Getúlio. Limita a sua atividade à propaganda de Getúlio, Aranha e cia. e denuncia à polícia, por todos os meios a seu alcance, os militantes operários que rompem com os traidores permanecem fiéis ao povo trabalhador, à revolução e ao socialismo.

A pré-conferência constata que a bandeira da revolução socialista mundial, que a IC arrastou pela lama, foi empunhada pela IV Internacional. As bases da IV Internacional foram cimentadas com a teoria marxista e com a experiência de quase um século de lutas contra a opressão capitalista. A IV Internacional é a legítima continuadora dessas lutas heroicas e só a sua bandeira sem mácula poderá conduzir o proletariado à luta e à vitória.

A pré-conferência resolve constituir um *Comitê pró-reagrupamento da vanguarda revolucionária no Brasil*. Esse Comitê terá a tarefa de preparar a fusão de todas as organizações e grupos revolucionários, na base do programa da IV Internacional, para a fundação definitiva do partido do proletariado no Brasil.

O Comitê será inicialmente constituído por representantes do POL e do CR, podendo dele participar representantes de grupos que se coloquem em idênticas posições. O Comitê pró-reagrupamento da vanguarda revolucionária no Brasil publicará uma série de documentos nacionais e internacionais com o fito de esclarecer os problemas estratégicos e táticos da revolução.<sup>39</sup>

Tais resoluções fazem menção ao fato de que o PCB tinha então uma postura de apoio semicrítico ao regime Vargas, depois que este suprimira o movimento integralista e se posicionara favoravelmente às potências “democráticas” e em oposição ao Eixo<sup>40</sup>, e ao fato de que o PCB publicara, em um folheto de março de 1939, os nomes legais de membros que não haviam retornado ao PCB, facilitando o trabalho da repressão governamental.<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup>RESOLUÇÕES da pré-conferência realizada em abril de 1939 pelo Partido Operário Leninista (Seção Brasileira da Quarta Internacional) e pelo Comitê Regional do PCB (Dissidência Pró-reagrupamento da vanguarda revolucionária). In: A Luta de Classe, n. 44, 5 de julho de 1939, págs. 8 e 6.

<sup>40</sup>Tal foi um desdobramento da política da IC, favorável a Roosevelt nesse período, e que no Brasil se apresentou em uma série de elogios ao ministro de relações exteriores de Getúlio, Osvaldo Aranha. Cf. DULLES, John W. F. O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial, págs. 186-187.

<sup>41</sup>Ibidem, pág. 169 e KAREPOVS, Dainis. Luta subterrânea. O PCB em 1937-1938, pág. 377.

As resoluções foram publicadas de uma só vez no jornal *A Luta de Classe* e também no *Boletim* da Dissidência. Elas têm, portanto, um caráter público e indicam as proximidades dos grupos. Ainda há poucas informações disponíveis que permitam elucidar os detalhes das relações entre esses dois agrupamentos, que durou cerca de 18 meses antes que terminasse numa fusão, que deu origem ao Partido Socialista Revolucionário (PSR), seção brasileira da Quarta Internacional, em agosto de 1939.

### **Considerações finais**

O POL surge (e só se mantém) por conta da fusão da Oposição Classista do PCB com remanescentes da LC/LCI (1931-1936). O fim do POL está não numa desarticulação, como ocorreu com a LCI, mas sim numa fusão com outra cisão do PCB, dando origem ao grupo que representará, de forma mais consolidada, a continuidade do movimento trotskista brasileiro na década de 1940.

É importante ressaltar que tais processos de fusão não se deram de forma “automática”, mas significaram, cada um a seu tempo, uma série de esforços políticos do POL, de discussão e convencimento que, apesar de pouco documentados e estudados, podemos perceber na sua imprensa. Embora os agrupamentos políticos da classe trabalhadora busquem se desenvolver e crescer numericamente no movimento operário, atraindo trabalhadores para suas concepções, também foi de fundamental importância na história do movimento trotskista a unificação com dissidentes políticos revolucionários de esquerda de demais organizações, geralmente considerados “centristas” pelos trotskistas. A história do POL, especialmente seu início e seu fim, demonstra como tais processos são também de fundamental importância para uma compreensão da trajetória do movimento trotskista brasileiro.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

#### **Livros, artigos e dissertações**

ALMEIDA, Miguel Tavares de. Liga Comunista Internacionalista. Teoria e prática do trotskismo no Brasil (1930-1935). 2003. Dissertação (Mestrado em História). Programa de pós-graduação em história. PUC/SP, São Paulo, 2003.

ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). Na contracorrente da História. Documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940). 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Sundermann, 2015.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933 – 1934). *Topoi*. Rio de Janeiro, dez. 2002, p. 354 – 388.

DULLES, John W. F. O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KAREPOVS, Dainis. Luta subterrânea. O PCB em 1937-1938. São Paulo: Hucitec UNESP, 2003.

KAREPOVS, Dainis. Mario Pedrosa e a Quarta Internacional (1938-1940). In: MARQUES NETO, José Castilho (org.). Mario Pedrosa e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

KAREPOVS, Dainis; NETO, José Castilho Marques. Os Trotskistas Brasileiros e suas Organizações Políticas (1930 – 1966). In. REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo. (Orgs.). História do Marxismo no Brasil: Partido e organizações dos anos 20 aos 60. v. 5. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002, p. 109 – 165.

LISBOA, Roberto Borges de. Revolução e realidade social na imprensa trotskista brasileira nos anos 1930. 2014. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

VIANNA, Marly de Almeida. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pág. 63-105.

### **Fontes primárias**

ANDRADE [Febus Gikovate], A crise do stalinismo no Brasil. In: A Luta de Classe, Ano VIII, n. 37 (II), 25 de janeiro de 1936 [1938].

PEDROSA, Mario. A situação nacional. Teses aprovadas pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista, em junho de 1937. In: ABRAMO, Fúlvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). Na contracorrente da História. Documentos do trotskismo brasileiro (1930-1940), pág. 328.

RESOLUÇÕES da pré-conferência realizada em abril de 1939 pelo Partido Operário Leninista (Seção Brasileira da Quarta Internacional) e pelo Comitê Regional do PCB (Dissidência Pró-reagrupamento da vanguarda revolucionária). In: A Luta de Classe, n. 44, 5 de julho de 1939, págs. 6-8.

### **Digitais / Online**

JOINT Declaration for the New International, The Militant, vol. VI, n. 44, 23 de setembro de 1933, págs. 1-2. Versão digital disponível em <https://www.marxists.org/history/etol/document/1930s/four.htm>, acessado em 12 de julho de 2016.

Leon Trotsky, “Two Articles on Centrism”, Class Struggle, vol. 4, n. 8, agosto de 1934. Versão digital disponível em <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1934/02/centrism.htm>, acessado em 12 de julho de 2016.